

ENSINO DE ARTE E CULTURA VISUAL – MEMÓRIAS E AFETOS EM PESQUISA NA ESCOLA

Fabiana Lopes de Souza
SMED/Pelotas, RS
fabiana.lopess2013@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti
UFPel
maristaniz@hotmail.com

1

RESUMO

O presente texto parte de um recorte da pesquisa que foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Mestrado – UFPel, na qual se objetivou investigar as percepções, os sentidos e a construção de identidades de alunos do quinto ano do ensino fundamental em contato com as imagens da cultura visual contemporânea. Procurei ainda verificar as possibilidades de mudança na apreensão destas imagens, proporcionadas pelas atividades desenvolvidas nas aulas de Artes Visuais, por meio de uma educação crítica e estética. As referências fundamentais são: Hernández (2000; 2007), que aborda a importância do trabalho com as imagens da cultura visual na escola ; Hall (2005), que trata das questões de identidade cultural na perspectiva de um mundo pós-moderno e Meira e Pillotto (2010) que refletem sobre o afeto como fator essencial nos processos de ensino e aprendizagem. Os dados foram coletados através de registros fotográficos, das imagens produzidas pelos alunos e dos relatos escritos pelos mesmos. Fundamentados com base no referencial proposto, os dados da pesquisa revelaram que é possível realizar um trabalho utilizando imagens e objetos do cotidiano dos estudantes, promovendo uma educação crítica e estética dos alunos a partir destas visualidades. Ainda, é relevante salientar que os estudantes demonstraram processos de identificação, pertencimento e afetos e memórias em relação às imagens escolhidas por eles para o trabalho realizado em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura visual; Ensino de Artes Visuais; Afeto.

1 Introdução

Sempre me questioneiei em relação ao quanto as pessoas eram e são influenciadas ao consumo, e também as preocupações destas em relação à imagem delas próprias, na maneira como se apresentam, baseando-se no que vivem e consomem através do contexto sociocultural. Quando falo em pessoas, não posso deixar de pensar em mim, acreditando que o interesse por uma pesquisa não aparece por acaso, isso tem a ver com o próprio pesquisador, com suas indagações, com suas ansiedades, ou com aquilo que lhe causa afeição.

Os objetos, artefatos e produtos presentes na vida cotidiana, muitas vezes apresentados como de simples consumo, acabam nos fazendo esquecer qual pode ser o verdadeiro sentido e significado destes em nossas vidas. De acordo com Meira e Pillotto, “os estereótipos do consumismo na sociedade tanto servem aos que o negam como aos que a ele se submetem de modo pouco criativo e conformista” (2010, p.86).

Sendo assim, tomo como ponto de partida minha própria experiência como consumidora de imagens e artefatos apresentados pelos meios de comunicação de massa.

Um fato importante sobre o contato e a influência das imagens na minha vida se deu na época da minha adolescência, quando comecei a colecionar, sem questionamentos, objetos e imagens do Mickey Mouse, isso ocorreu meados dos anos 90 – fase final de meus estudos no ensino fundamental e início do ensino médio. A prática de colecionar esses objetos se estendeu por alguns anos, sendo expressivo o número de objetos colecionados, entre os quais podem-se citar: camisetas, chaveiros, canetas, canecas, o próprio personagem do Mickey de pelúcia, etc.

Relembrando esse fato, há pouco tempo, passei a me questionar sobre o porquê deste interesse na adolescência. Lembrei então do meu primeiro contato com o personagem do Mickey Mouse, na minha infância, quando ganhei do meu pai um boneco a corda desse personagem (figura 1), no início dos anos 1980. “Lembrar de algo implica estar afetivamente envolvido com a história que é rememorada, especialmente quando diz respeito às memórias de infância [...]” (FREITAG, 2008, p.38).



Figura 1: Objeto da pesquisadora (Mickey Mouse).
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2015.

As coisas começaram a fazer sentido para mim, sem deixar de levar em conta o fato de que a Disney exerce grande influência ao consumo através dos inúmeros produtos com destaque nos seus personagens. O brinquedo mencionado é carregado de lembranças e afetos.

Em abril de 2013, assumi como professora efetiva de Artes Visuais em uma escola municipal de um bairro de periferia da cidade de Pelotas - RS, na qual ministrei aulas para crianças da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Notei que, ao trabalhar com diferentes tipos de imagens, tanto as obras consagradas da História da Arte, ou mesmo aquelas provenientes de revistas e/ou outros materiais, houve um grande interesse por parte dos alunos em conversar sobre essas imagens, falando sobre o que achavam destas e até mesmo se já eram conhecidas de algum lugar.

Assim, resolvi elaborar um projeto de pesquisa para o programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Mestrado¹, com o objetivo de investigar as percepções e sentidos vivenciados pelos estudantes no seu cotidiano quanto à construção de suas identidades, em contato com as imagens da cultura visual; e ainda, quais as possibilidades de mudança na apreensão destas, proporcionadas pelas atividades desenvolvidas nas aulas de Artes Visuais, por meio de uma educação crítica e estética.

2 Afetos e memórias

Nosso cotidiano é carregado de informações, acessadas por nós o tempo todo, tornando essencial pensarmos em uma educação que tenha por base o afeto², que produza sentidos. De acordo com Meira e Pillotto, a escola,

apesar das inúmeras pesquisas realizadas sobre métodos contemporâneos para a educação, ainda continua priorizando em suas práticas um ensino e uma aprendizagem voltados ao pensamento linear, disciplinar, técnico e, conseqüentemente, dando importância maior aos aspectos cognitivos que aos afetivos. Para a maioria das escolas, o saber intelectual é que vai garantir sucesso no mercado de trabalho. Nesta perspectiva, vale apontar que ensinar

¹ Sob orientação da Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva; bolsista CAPES no período de abril 2015 à abril de 2016.

²O termo afeto é definido como qualquer espécie de sentimento e emoção relacionada a ideias ou a complexos de ideias; enquanto que a afetividade significa, não apenas os afetos, mas sobre tudo, os sentimentos de agrado e desagradado (CABRAL; NICK, 1999 apud MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.13).

e aprender pela via da razão separada do afeto e do sensível não satisfaz as condições necessárias a uma formação integral (2010, p.24).

As práticas escolares de ensino e aprendizagem ainda estão muito centradas em um conhecimento condicionado e linear, preocupando-se mais em formar profissionais e esquecendo a importância de se articular os conteúdos ao contexto dos estudantes, aquilo que de alguma maneira faz sentido para eles e produz afeto.

Afeto e conhecimento não devem ser pensados separadamente um do outro. “Educar pelo afeto pode ser um caminho possível, um caminho de maravilhamento capaz de modelar e modular paixões alegres que motivem atos de conhecimento e compreensão compatíveis com os desafios do presente” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.38). O conhecimento como algo a ser construído, se for trabalhado do ponto de vista dos afetos, produzirá sentidos aos estudantes contemplando as dimensões cognitiva e intuitiva.

Nesse contexto, mais especificamente nas aulas de artes, em que teoria e prática partem de um processo criativo, um trabalho reflexivo, intuitivo e sensível, torna-se essencial compreender isso tanto por parte dos alunos quanto do professor. Para isso é preciso,

[...] desviar-se dos impedimentos sociais, tanto quanto dos pessoais para deixar a criação fluir das interações. A prática evidencia que é preciso concentração, meditação e controle sobre os meios, e os afetos interferem, facilitando ou dificultando estas atitudes (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.40).

As experiências vivenciadas pelos estudantes, dentro e fora da escola, associadas à contextualização de conteúdos feita pelo professor, possibilitarão o desenvolvimento de uma educação sensível.

A educação para o sensível torna-se cada vez mais necessária, pois de acordo com Meira e Pillotto (2010), muitos são os fatores da perda de sensibilidade das pessoas:

[...] os meios de comunicação que vendem muitas vezes uma imagem inadequada da realidade; o consumo exacerbado, que nos leva a consumir cada vez mais e em muitos casos na tentativa de suprir afetos, solidão, dúvidas e tantos outros sentimentos. Mais do que isso e para além disso, o professor reproduz em suas práticas educativas o que absorveu e absorve desses meios e da cultura massificada que impregna nossas mentes e nossas almas (p.44).

É preciso que o professor perceba os gostos e interesses dos estudantes para o planejamento das aulas e tenha um olhar crítico e reflexivo frente a seus próprios

interesses para não vir somente a reproduzir aquilo que absorveu da cultura de consumo e dos meios de comunicação e informação.

Com isso, Meira e Pillotto (2010) se referem à importância da percepção por parte do professor, em que este precisa estar atento constantemente frente às reais necessidades de conhecimento dos alunos, visto que será o mediador deste conhecimento. “Perceber é uma constante cadeia de formas significativas” (2010, p.46). A percepção é algo esclarecedor tanto para o professor quanto para os alunos, pois poderá proporcionar reflexões de como estabelecer relações entre o conhecimento adquirido em sala de aula com suas vivências e experiências fora dali.

Temos acesso às informações o tempo todo, os meios de comunicação e informação facilitam à interação entre as pessoas ao mesmo tempo em que as distanciam. Ao falar de educação e dos processos emocionais na escola, [...] está cada vez mais complexa

a construção de laços afetivos entre professor e estudantes, em detrimento de um campo restrito ao individualismo e ao isolamento. A comunicação por via da internet facilita o acesso ao conhecimento ao mesmo tempo em que restringe o contato humano direto: o cheiro, o toque, o olhar, o som, as relações de afeto que podem nos atingir profundamente (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.47).

A necessidade de uma educação pelos afetos e a importância dos processos perceptivos por parte do professor e dos alunos tornam-se relevantes para uma abordagem sobre memória³.

Não associamos somente os fatos e experiências de nosso contexto atual para a produção de sentidos, como também as lembranças daquilo que foi vivido ontem, no passado. “Tudo o que afeta nossos sentidos é reelaborado e pode ser transformado em aprendizagem e, posteriormente, em memórias” (BRANDÃO, 2008, p.9).

Essa autora apresenta três passos necessários para a formação de memórias. Primeiro, a codificação de informações que são recebidas pelo cérebro através dos órgãos dos sentidos; segundo, a armazenagem das informações em diferentes áreas do cérebro. E o terceiro passo, é a manutenção e a recuperação das informações em lembranças que permanecem.

³ O termo memória, de acordo com Brandão, [...] refere-se, à faculdade de lembrar e de conservar o passado, e também aos relatos que descrevem esse passado (re) vivido, pressupondo, assim, um narrador. Surgem como sinônimos os termos: recordação, lembrança e, segundo alguns autores, reminiscência, revisão de vida, autobiografia, narrativa e história oral (2008, p. 19).

Somos afetados por diferentes fatores externos, mas somente aquilo que nos faz sentido é o que fica armazenado em nossa memória.

A memória pode ser individual e coletiva, como também histórica. Muitas das lembranças, de uma memória individual, se constituem desde fatos vividos e relatados por familiares ou outros grupos sociais em que um indivíduo faça parte, mas que não foram vividos propriamente por este. É importante considerar “[...] que cada olhar único, sobre os fatos acontecidos, deve ser somado a todos os olhares focados no mesmo acontecimento, vivido em grupo, e mais ao trabalho de história que cataloga, organiza e preserva o tempo passado” (BRANDÃO, 2008, p.28).

A lembrança de um indivíduo pode ser única, mas deve se levar em conta os acontecimentos vivenciados pelo grupo.

Tanto a memória individual quanto a memória coletiva são constituídas por lembranças revividas começando de registros que podem ser documentos e fotografias como também de objetos que foram guardados e que contém sentido e significado para aqueles que os possuem. As pessoas, em geral,

estão constantemente cercadas por objetos e fotografias. Na infância, são os brinquedos que, com o passar dos anos, vão sendo guardados como representação de uma época, como parte da história de cada indivíduo. [...] Os anos passam, e a tipologia dos objetos vai se alterando; alguns são descartados, outros permanecem, porém estão sempre sendo utilizados na vida cotidiana, mesmo que às vezes sem perceber. No entanto, nem todos os objetos possuem o mesmo caráter funcional, memorial e identitário; alguns deles são utilizados de acordo com suas funções originais e, depois que perdem o seu valor de uso, são descartados. Porém, outros possuem grande valor sentimental e memorial, podem contar muito sobre os indivíduos, suas características, grupos social e econômico e podem servir como fonte de análise para compreender a maneira como eles veem o mundo (NERY et al, 2015, p.43).

Fotografias e objetos são importantes fontes de lembranças, mas não possuem apenas caráter funcional, como também podem produzir sentidos e representar épocas e momentos vividos por cada pessoa ou grupo.

“Os objetos que temos dizem muito sobre quem somos, como e quem queremos ser e, além disso, como queremos que os outros nos vejam; essa é uma das relações entre objetos, memórias e identidade” (NERY *et al.*, 2015, p. 44).

Somos representados pelos objetos que possuímos, estes são carregados de lembranças que nos afetam e que fazem parte de nossa história, de nossa identidade.

Renata Lopes (2013), em sua de dissertação de mestrado intitulada “José Leonilson: Entre linhas e afetos”, buscou analisar o percurso artístico de Leonilson⁴. Os trabalhos deste artista envolvem memórias e afetos, “sua poética se inscreve na confluência de sentidos gerados por um legado que se constitui de poemas, diários, agendas, cadernos, cartas, documentos e objetos” (p.23).

Em um dos trabalhos de Leonilson (figura 2), ele faz uma representação de si, bordando palavras carregadas de emoções que o identificavam.



Figura 2: Isolado Frágil Oposto Urgente Confuso, 1990 (costura e bordado sobre voile).
Fonte: PROJETO LEONILSON, 2015.

Nesse trabalho Leonilson insere tanto seu “eu”, que é emoção e sentimento – quando escreve palavras como “tímido”, “quieto”, “rápido” e “singelo” – quanto seu “eu” conceitual, a sua presença, identificada pela idade e pela inicial de seu nome. O que se percebe na obra é um registro íntimo que guarda aproximações com um diário. Diário que não tem a formalidade de ser visto como página, mas como obra. Leonilson materializa suas emoções em um objeto artístico e o faz demarcando os lugares de seus sentimentos. O significado que o artista insere na obra com a presença de desenhos e palavras lembra as anotações de canto de página muito presentes em cadernos de rascunho e em diários (LOPES, 2013, p.73).

Essa obra mostra a representação do próprio “eu” do artista, partindo de palavras que podem descrevê-lo. Além disso, essas palavras são repletas de sentimentos e emoções que foram bordadas no tecido, como registros de um diário que contém memórias.

⁴ José Leonilson Bezerra Dias (Fortaleza CE 1957 - São Paulo SP 1993). A obra de Leonilson inclui pinturas, desenhos, bordados e algumas esculturas e instalações; é predominantemente autobiográfica e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida. Em 1989, começa a fazer uso de costuras e bordados, que passam a ser recorrentes em sua produção. Em 1991, descobre ser portador do vírus da Aids e a condição de doente repercute de forma dominante em sua obra. (ITAÚ CULTURAL, 2015).

Outro exemplo nas Artes Visuais, de um trabalho com memória, se encontra na poética do artista contemporâneo José Rufino⁵ (figura 3).

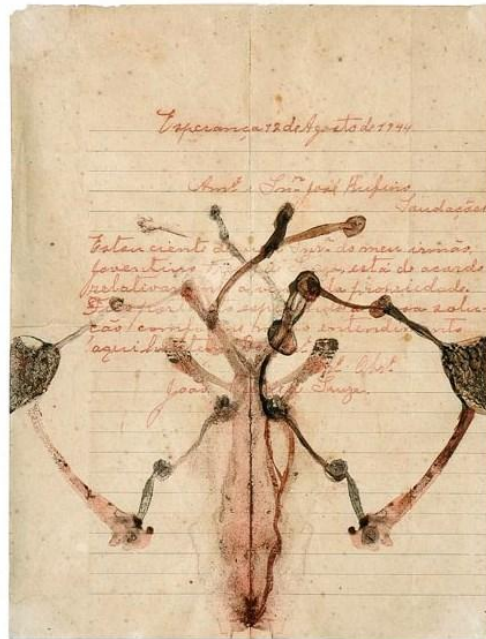


Figura 3: Da série de desenhos cartas de areia, 2000
(têmpera sobre carta de família; monotipia à maneira de Rorschach modificada).
Fonte: COLEÇÃO PARTICULAR, 2015.

O artista trabalha com instalações que são construídas recorrendo-se a objetos selecionados entre pertences da própria família: fotografias, móveis, documentos, cartas, dentre outros.

Em um texto sobre o artista José Rufino, ao tratar de arte contemporânea e das múltiplas influências que nos cercam no mundo globalizado em que vivemos, Sylvia Barbosa afirma o seguinte:

O que José Rufino faz, através de sua obra, é o caminho inverso: lida com estas questões voltando-se para dentro, buscando, na memória familiar e local, as raízes que nutrem sua identidade. Partindo da identificação de sensações, sentimentos e memórias pessoais, só então ele se volta para fora, extrapola os limites do individual e vai dialogar com o mundo. Sua busca por “pares” se opera de dentro para fora, do microcosmo da sociologia da família para o mundo (2005, p.8).

⁵ Nascido José Augusto de Almeida em 1965, em João Pessoa, Paraíba. Começou sua aproximação com as artes plásticas no final da década de 70, quando fez um curso na Universidade Federal da Paraíba, antes ainda de iniciar seu bacharelado na faculdade de Geologia e Paleontologia, formação esta que, segundo ele, traz grande influência sobre seus processos de pensamento e de trabalho. A poética de Rufino é toda ela calcada na memória, em grande medida no seu legado histórico-familiar. Suas instalações são concebidas a partir de objetos garimpados entre os pertences da família: móveis, utensílios corriqueiros, fotografias, documentos e cartas encharcados de emoções, histórias e memórias (BARBOSA, 2005).

A identidade do artista é reforçada através de suas obras, construídas com objetos do passado, pertencentes à sua família, os quais possibilitam a busca por sentidos e o resgate de memórias.

É um movimento contrário ao que vivemos no mundo contemporâneo, em que nossas referências parecem encontrar-se apenas no momento atual, na multiplicidade de informações que nos cercam diariamente, mais especificamente as visuais.

3 Cultura Visual

Os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar também as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana.

As representações visuais formam a cultura pós-moderna, determinando normas, formando o olhar e contribuindo na formação de valores das pessoas. Estamos expostos o tempo todo às visualidades presentes no cotidiano, em que o consumo,

o tempo acelerado, o excesso de informações a que somos submetidos diariamente passa a nos definir como integrantes de um mundo conectado, interligado, fugaz, caótico, de mudanças por vezes desconcertantes. Em nosso cotidiano, as imagens decorrentes destas mudanças desempenham um papel que, muitas vezes, nos escapa. Compreender o vitalismo destas imagens a partir de um campo amplo e complexo, como o da cultura visual, passa a ser, então, um passo de extrema importância para a educação, especialmente para a educação em arte (MEIRA; SILVA, 2013, p.40).

Os estudantes têm acesso a um universo de imagens e estas se propagam por diversos meios: televisão, videogames, computadores, entre outros. “Buscar exemplos na cultura que nos cerca tem a função de aprender a interpretá-los a partir de diferentes pontos de vista e favorecer a tomada de consciência dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo de que fazem parte” (HERNÁNDEZ, 2000, p.30).

As percepções e sentidos atribuídos às imagens e objetos da cultura visual apresentam, na maioria das vezes, distinção entre as qualidades estéticas e o que estes estão representando realmente.

De acordo com Hernández (2000), os artefatos visuais são produtos de um contexto histórico, cultural e social que podem afetar a percepção e a estética.

Para a compreensão da cultura visual é necessário estar atento aos diferentes tipos de representações visuais de diferentes culturas. Objetos consagrados da história da arte do passado fazem parte da cultura visual, assim como os produzidos no presente e também as diferentes manifestações visuais.

O trabalho do professor de Artes Visuais, para uma compreensão crítica dos estudantes em contato com a cultura visual, deve contemplar as experiências dentro e fora da sala de aula. Conforme Hernández (2000), as estratégias de compreensão vêm de diferentes manifestações da cultura visual

[...] não só dos objetos considerados canônicos, mas sim dos que se produzem no presente e aqueles que fazem parte do passado; os que se vinculam à própria cultura e com as de outros povos, mas ambas desde a dimensão de ‘ universo simbólico’; os que estão nos museus e os que aparecem nos cartazes publicitários e nos anúncios; nos videoclips ou nas telas da internet; os realizados pelos docentes e pelos próprios alunos (p.50).

As imagens e artefatos visuais a serem estudados nas aulas de Artes Visuais não devem ser limitados a critérios de gosto, mas sim a propostas de compreensão destas representações.

O estudo das visualidades das diferentes culturas e em diferentes épocas deve auxiliar os estudantes a decodificarem os símbolos e signos presentes nestas visualidades e terem uma melhor percepção sobre o mundo no qual estão inseridos. Segundo Hernández (2000), a cultura visual contribui

para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...] (p.52).

As pessoas são influenciadas quanto à construção de suas identidades, e a cultura visual acaba transmitindo valores e interferindo nas subjetividades destas pessoas. Como exemplo disso, temos as imagens e objetos que são vivenciados e consumidos diariamente por crianças, jovens e adolescentes. Ao tratar de uma perspectiva educativa, Hernández (2000), aponta que

[...] os objetos da cultura visual que maior presença têm entre os meninos, as meninas e os adolescentes são os que recobrem as paredes dos quartos, as imagens das pastas da escola, as revistas que lêem, os programas de televisão a que assistem, as representações dos grupos musicais, os jogos de computador, suas imagens na Internet, a roupa, seus ícones populares, etc. (p.136).

Uma educação baseada nas imagens da cultura visual deve levar em conta as experiências visuais dos estudantes, ajudando-os na compreensão destas visualidades sem interferir nas suas preferências e gostos por determinados objetos e/ou artefatos visuais.

De acordo com Hernández (2007), o propósito da compreensão crítica

e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute”, oferecendo aos alunos possibilidades para outras leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos (p.71).

O professor de Artes Visuais será mediador e provocador no processo educativo com o estudo das imagens da cultura visual, ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos, podendo este atribuir novos sentidos e significados às visualidades presentes na vida cotidiana.

As imagens são importantes para promover o olhar crítico e estético dos estudantes, desde as reproduções de obras de Arte do passado até as imagens midiáticas que nos invadem com seus anúncios do que é bom, de como devemos ser, nos comportar e nos vestir. Em conformidade com Hernández, [...] é necessário recordar

que uma das maneiras mais notórias pelas quais as mídias, as representações e as práticas da cultura visual posicionam crianças e jovens é através dos “textos” da cultura popular, em particular dos que tendem a criar identidades de etnia, gênero, sexo e consumidor (2007, p.74).

Na pós-modernidade, imagens da mídia e de consumo se apresentam frequentemente, influenciando-nos muitas vezes sem que possamos perceber. Nossas identidades vão se construindo e se modificando através das relações que estabelecemos com este universo visual e também da inter-relação com as outras pessoas.

O acesso às mais variadas imagens se dão pelos meios de tecnologia de informação e comunicação. É possível perceber na contemporaneidade crianças, adolescentes, jovens e adultos conectados o tempo todo à internet com seus celulares, *tablets*, computadores e *notebooks*, isso sem falar nos programas de TV, jogos de computadores entre outros.

Para Hernández (2007, p.25), “[e]m um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências críticas reflexivas”. Além do estudo das imagens da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais, os estudantes poderão compreender o quanto estas imagens podem influenciá-los sobre seus comportamentos e na construção de suas identidades.

Nesse processo de educação considerando a cultura visual, o professor de Artes deve observar as experiências que os estudantes trazem para a sala de aula, pois como aponta Hernández (2000),

[os] alunos são o resultado de contextos socioculturais concretos e de épocas históricas que representam um determinado tipo de valores. Eles têm acesso à escola com uma identidade, uma biografia em construção, baseada em suas experiências de gênero, etnia e classe social e com uma série de noções sobre a autoridade e o saber. Trazem consigo não apenas conhecimentos, mas construções da sociedade e de si mesmos, baseadas em suas experiências socioculturais anteriores (p.141).

Quando os estudantes entram para a escola carregam junto seus conhecimentos fora dali, tudo aquilo que foi adquirido em seus contextos socioculturais, o que é vivido em seus cotidianos e o que já foi construído em com base nestes conhecimentos.

De acordo com Freedman, o conhecimento que os alunos

obtêm fora da sala de aula, por meio de formas populares de cultura visual, poderiam ser usados para dar-lhes uma oportunidade de atentar para questões de representação e de conceitualização, criação e interpretação em arte. Em outras palavras, temos de começar a dar atenção ao conteúdo da mídia ao qual a criança assiste e a trabalhar para ampliar o conhecimento e a imaginação das crianças por meio de vários tipos de produções da cultura visual e da crítica (2005, p.140-141).

Os temas da cultura visual a serem trabalhados nas aulas de Artes Visuais devem ser bem selecionados pelo professor a fim de fazer sentido tanto para este quanto para os alunos. Segundo Hernández (2007, p.82), “[ao] se propor ou escolher um tema, ou uma questão de problematização relacionada à cultura visual, é necessário analisar sua relevância e influência na vida dos alunos”.

É preciso selecionar temas e materiais visuais que estabeleçam relações com as experiências cotidianas dos alunos, que lancem desafios de aprendizagem e que os motivem na apreensão de novos saberes e novas experiências.

4 Falando da pesquisa

Como encaminhamento de pesquisa, elaborei um projeto de ensino cuja proposta foi a elaboração de desenhos de si mesmos feitos por alunos de duas turmas de 5º ano. O objetivo do projeto de ensino foi promover um olhar estético a partir do contato com imagens da cultura visual, (retratos, autorretratos, fotografias), desenvolvendo a percepção e a criticidade em relação a estas imagens.

A metodologia do projeto de ensino consistiu em contextualizar e apresentar imagens de autorretrato de alguns artistas de diferentes períodos históricos, e propor uma atividade de desenho de autorretrato com a intervenção de imagens de revistas e outros materiais. Para isso, os alunos deveriam utilizar técnicas de recorte, colagem como também pintura dos desenhos com lápis de cor.

Ampliando as fontes de buscas de imagens, visto que os alunos haviam somente recolhido imagens de revistas e encartes publicitários, que eram materiais disponíveis no momento, solicitei ainda que eles escolhessem objetos ou imagens presentes em seu cotidiano e levassem para as aulas de Artes Visuais.

Este trabalho teve uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, no qual imagens e textos produzidos pelos alunos foram analisados e fundamentados com base nos referenciais teóricos.

Para Stake (1994 apud ANDRÉ, 2005, p.16), o “estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado”. As técnicas de coleta de estudos de caso são: observações, entrevistas, análise de documentos, anotações de campo e gravações.

Na figura 4, apresento o trabalho da primeira atividade de autorretrato da aluna Daiane⁶ que selecionou várias imagens de objetos e produtos de consumo para compor seu trabalho. Quando ela foi solicitada a levar para a aula objetos de seu cotidiano, selecionou algumas fotos de sua família, demonstrando que seus interesses, seus afetos e suas percepções não se limitam apenas às ofertas das visualidades contemporâneas (figura 5).



Figuras 4 e 5: À esquerda, autorretrato e interferências; à direita, autorretrato e objetos, (Daiane).

Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014.

⁶ Neste texto os alunos são identificados por nomes fictícios.

Em um breve relato sobre sua escolha pelas fotos, Daiane descreve: “Para mim a família é muito importante, amorosa e divertida, amo minha família, meus amigos, são as pessoas mais importantes”.

Na escolha por objetos seus, em sua casa, a aluna selecionou três fotografias, nas quais ela está com familiares e no relato ela destaca a importância da família em sua vida. Segundo Nery *et al.* (2015, p.48), “tanto os objetos quanto as fotografias, [...] quando ligados à história da família e ao vínculo e memória familiar, são ainda mais importantes e marcantes”.

As fotografias traziam lembranças à aluna e demonstravam a relação de afetividade que ela tinha com seus familiares, algo importante que fazia parte de sua memória e queria que compusesse seu desenho de autorretrato.

O mesmo fato aconteceu nas escolhas do aluno Júnior que selecionou para a atividade (figura 6) fotos de seus animais de estimação (figuras 7 e 8).



Figura 6: Autorretrato e objetos (Júnior).
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014.



**Figuras 7 e 8: Fotografias do aluno Júnior.
Fonte: Fotografia da pesquisadora, 2014.**

Ao ser questionado sobre as lembranças que traziam as fotos dos animais de estimação escolhidas por ele, Júnior respondeu-me: “Felicidade”. Em outra pergunta feita a Júnior, sobre de quem ele havia ganhado os animais, ele disse-me: “Do meu pai”. E ainda questionei: o que esta pessoa significa para você? E o aluno respondeu: “É o melhor pai do mundo”.

Os autorretratos realizados pelos alunos Daiane e Júnior chamaram minha atenção para o fato de que é possível realizar um projeto que desenvolva as percepções e os sentidos dos estudantes, trabalhando com objetos e imagens de seus cotidianos, de seus contextos e ainda contribuindo para uma educação estética.

A experiência estética acontece quando há uma relação estabelecida entre a pessoa e o objeto, e os sentidos e significados dependem do processo subjetivo de cada pessoa. Da mesma forma, a compreensão crítica em relação às imagens presentes na cultura visual do aluno pode contribuir para que este e seu professor discutam sobre aquilo que é vivido cotidianamente, auxiliando-os em suas memórias, percepções, sentidos e afetividades.

Para Meira (2009), os objetos e as imagens a serem contempladas no cotidiano e que nos levam a possibilidades de obtermos uma experiência estética, são na maioria das vezes elementos efêmeros, mas capazes de nos tocar através da maneira como estabelecemos relações com os mesmos.

Neste caso estudado, as fotos selecionadas pelos alunos em suas casas, poderiam passar despercebidas, se não fossem solicitados a serem trazidas para o ambiente de sala de aula.

Quando os alunos estão em contato com a variedade de imagens proporcionadas pelos meios de comunicação e informação, seja pelo computador, televisão, propagandas, revistas, entre outras, suas escolhas são muitas vezes influenciadas e direcionadas ao consumo por objetos e imagens que gostariam de possuir e até mesmo se identificar visualmente. De acordo com Meira e Pilotto, a

é indissociável da forma pelas quais as coisas e os outros se apresentam para nós. A ação prática permite tecer microidentidades como parte de um micromundo. A expressão “conhecimento corporificado” depende das experiências que advêm do fato de ter um corpo, de ele ser dotado de diversas capacidades envolvidas no contexto biológico e cultural mais abrangente (2010, p.15).

16

Nesta pesquisa, quando os alunos foram solicitados a levar para as aulas de Artes Visuais imagens ou objetos particulares de suas casas, estes demonstraram que não estão limitados a sentimentos de afeição somente pelas imagens da cultura visual contemporânea, nem por aquelas que os direcionam prioritariamente ao consumo. É possível pensar sobre isso, quando das suas escolhas e relatos sobre a importância da família e desse tipo de afetividade em suas vidas.

Outro fato importante acontecido durante a atividade foi a motivação dos alunos ao construírem seus desenhos de autorretratos, com suas fotos. Eles ficaram muito felizes com o resultado de seus trabalhos e a proposta dada pela professora. Para Meira e Pilloto, tão importante quanto o afeto

é a forma de motivação apropriada pelos professores no contexto educacional, pois a motivação é também movida pela afetividade, cujas relações são construídas pelos interesses, pelos desafios, pelos impulsos, pelas emoções e por todos os sentimentos que são capazes de afetar/ tocar uma pessoa (2010, p.20).

Além da dedicação demonstrada pelos alunos ao levarem seus objetos e imagens para as aulas, eles demonstraram afeto e um real interesse pela atividade. Muitos deles queriam posar para fotos, outros queriam as fotos do perfil do Facebook, perguntando o que eu achava das fotos que eles escolhiam para formar o desenho. Houve bastante interação durante as aulas, todos conversavam e queriam saber sobre os objetos e imagens dos colegas.

O compartilhamento de informações resultante da dinâmica das interações ocorridas em sala de aula propiciou um ambiente em que todos aprenderam juntos. Assim, “um ser humano aprende [...], na interação e no contato com o outro, com suas

paixões e criatividade liberadas vai acessar a curiosidade, a inventividade e a criação” (RODRIGUES, 2009, p.46).

Além do processo criativo e construtivo por parte dos alunos, a atividade com os autorretratos provocou curiosidade e interação entre os mesmos.

Considerações finais

Nas atividades de autorretratos, foi promovida a experiência estética, desde a apreciação e leitura de imagens de artistas aos estudantes, como também na construção de autorretratos por meio de escolhas pessoais, tanto por imagens publicitárias, quanto as de seus próprios cotidianos.

Houve interação e diálogo nas aulas, além de relatos escritos sobre suas escolhas, abriu-se um espaço em sala de aula para exposição de suas experiências, histórias afetos e memórias. Dessa forma, ocorreu uma reconstrução de experiências significativas, por meio da reflexão de alguns momentos vivenciados em seus cotidianos.

As percepções e sentidos dos estudantes foram aguçados durante estas atividades, em que o trabalho com objetos pertencentes aos alunos ocasionou envolvimento, dedicação e a valorização daquilo que foi significativo para eles.

Observei que foi desenvolvida uma visão crítica nas atividades de Artes Visuais, na medida em que propus uma metodologia para o desenvolvimento do processo de descondicionamento dos alunos pela escolha de imagens publicitárias prioritariamente, pois, ao invés destas, os estudantes passaram a levar objetos e imagens de suas casas, pertencentes a eles e/ou familiares.

No trabalho com os objetos houve mais diálogo e a demonstração por parte dos estudantes, a princípio, de um olhar crítico, quando relataram a importância dos momentos com a família, dos arquivos de fotos do celular, do significado dos ursinhos de pelúcia, entre outros.

Por fim, percebo que a presente pesquisa torna-se relevante para a contribuição dos estudos referentes às imagens da cultura visual, do ensino das Artes Visuais e da construção identitária dos educandos, considerando as visualidades presentes em suas vidas e entendendo a importância de uma educação baseada no afeto e na expressão das memórias individuais e coletivas.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARBOSA, Sylvia W Q. **José Rufino e a memória**. Disponível em:
<<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/Texto-Sylvia-Werneck-Jose-Rufino-e-a-memoria.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2015.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana M. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea-Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p.126-142.

FREITAG, Vanessa. **Tecendo os fios das memórias de infância no processo criativo docente: Um estudo com professoras de Artes Visuais da casa de Cultura de Santa Maria/RS**. 2008, 175f. Dissertação (Mestrado – PPGE/UFSM) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em:<http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1873>Acesso em: 06 de dez. 2015.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual – Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ITAÚ CULTURAL. Leonilson. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>> Acesso em: 08 dez. 2015.

LOPES, Renata P. A. **José Leonilson: Entre linhas e afetos**. 2013. 112f. Dissertação (Mestrado – PPGA/CA/UFES). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em:<http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6476_DISSERTA%C7%C3O%20RENATA%20PERIM.pdf>Acesso em: 07 dez. 2015.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MEIRA, Mirela R; SILVA, Ursula Rosa da. Cultura visual, Ensino da Arte e Cotidiano: Hibridismos e Paradoxos. **Revista Visualidades**. Goiânia, v 11, n° 2, p.37-57, 2013.

NERY, Olivia S; HUZSAR, Frantieska S; FERREIRA, Maria Letícia M; MICHELON, Francisca F. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção, **Ciências Sociais, Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. 42-51, jan/abr 2015. Disponível em: < Acesso em: 11 nov. 2015.

RODRIGUES, Rute. Educação Afetiva: aprendendo a ser e a conviver. In:
CENTRARTE (Org.). **Arte-terapia e educação: a arte de tecer afetos e cuidados.**
Porto Alegre: Laçus, 2009. P.45-87.

PROJETO LEONILSON: **Isolado Frágil Oposto Urgente Confuso**, 1990. Disponível
em: <<http://www.projetoleonilson.com.br/textos.php?pid=8>> Acesso em: 07 dez. 2015.

RUFINO, José. Série de desenhos **Cartas de Areia**, 2000. Disponível em:
<<http://www.joserufino.com/site/cartas-de-areia-2/>> Acesso em: 06 dez. 2015.